

# No plenário, críticas sem resposta

A falta de articulação para a defesa do Governo no Senado tornou-se evidente na tarde de ontem, quando ninguém o defendeu nos debates do dia, todos com críticas à desorientação na equipe governamental. "Mas com reuniões como essa no Planalto, o Governo pode criar mais problemas do que resolvê-los", observou o senador Humberto Lucena (PMDB-PB) comentando a predominância das críticas e as relacionou com a reunião à noite entre senadores e o presidente Collor.

O convite para a reunião no Planalto chegou aos senadores como uma manobra de risco político que pode agravar a falta de apoio parlamentar, por alguns motivos:

1. A reunião, na véspera do esforço concentrado, assume a forma de um trabalho casuístico do governo para evitar surpresas desagradáveis nas votações desta semana no Congresso.

2. O convite foi feito em cartão assinado pelo líder do governo José Ignácio (PST-ES), cujas ações estão em baixa até mesmo no Planalto.

3. A reunião era exatamente na mesma hora do jantar, marcado há uma semana, de confraternização pelo final de ano na residência do presidente do Senado, Nelson Carneiro (PMDB-RJ), que viu-se forçado a transferir, no último momento, para às 23h a sua recepção.

4. A conversa com Collor era no Planalto, e os políticos preferem, nessas ocasiões, ambiente menos formal e com maior intimidade.

5. A reunião no Planalto surgiu em cima da hora sem qualquer explicação mais específica para a sua realização.

Uma segunda-feira também não seria precisamente uma boa data para um encontro de congressistas em Brasília, mas até que (ontem era uma ocasião favorável. Ao abrir-se a sessão do Senado, 24 cadeiras estavam ocupadas no plenário, um terço da lotação. No momento de pico dos debates, 30 senadores passaram por lá, quase a metade da casa.

E foram precisamente nos dois debates do dia que a falta de articulação do Planalto

ficou clara, começou pela discussão de duas horas em torno de um discurso do senador Jamil Haddad (PSB-RJ), que passou por vários temas, desde o salário dos militares à dívida externa, sempre criticamente, reforçado nos apartes de colegas.

Ninguém defendeu o Governo em nenhum tema, mas houve um momento em que surgiu na porta do plenário o rosto do senador Ney Maranhão (PRN-PE), responsável pela liderança governista na ausência de José Ignácio. Limitou-se Maranhão a sentir o ambiente e recolher o rosto rapidamente ao notar as críticas ao Governo.

Se ficasse mais um pouco, Maranhão teria a oportunidade de, pelo menos, testemunhar um aparte a Haddad em que o senador Maurício Corrêa (PDT-DF) atacou pesado a equipe de Collor. "O ministério é apagado, o Presidente está isolado", disparou Corrêa, com a ressalva de que poupava apenas os ministros da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e da Justiça, Jarbas Passarinho.